

ECONOMIA - BRASIL

REAL EM QUEDA

Próximo presidente herdará uma economia enfraquecida como resultado da crise por que passa o país. As armas que o atual governo tem para reverter a queda do Produto Interno Bruto não estão fazendo efeito. A indústria já sente o baque

A recessão bate à porta do país

Ugo Braga,
Paulo Silva Pinto
e Vicente Nunes
Da equipe do **Correio**

É grande e crescente a chance de o próximo presidente da República receber, em janeiro de 2003, um país em recessão. Os primeiros sintomas já chegaram. O desemprego subiu, a produção industrial caiu e a arrecadação de impostos encolheu. O atual governo perdeu as armas disponíveis para estimular o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Os dois principais mecanismos de indução da atividade econômica — a taxa de juros e os gastos públicos — estão inutilizados. E o capital externo, que vinha financiando a expansão econômica, está entrando em um ritmo cada vez menor.

Para que a recessão se configure, o PIB deve cair por dois trimestres seguidos. O último dado disponível, colhido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), diz respeito ao primeiro trimestre do ano. Entre janeiro e março, a produção de riquezas caiu 0,73% em relação aos três meses imediatamente anteriores. O IBGE ainda não divulgou o PIB do segundo trimestre, mas a Fundação Getúlio Vargas (FGV) pesquisou o ânimo do empresário no fim daquele período. O resultado foi preocupante.

Pequenos, médios e grandes industriais acham que havia menos compradores para seus produtos e que, por isso mesmo, o estoque encalhado tinha crescido além do desejável. Só 18% deles responderam ter boa expectativa para o segundo semestre. “Estamos na ante-sala da recessão”, diz Jorge Braga, economista da equipe que faz a sondagem industrial para a FGV.

A contração econômica já mostrou os dentes para alguns setores. A venda de televisores e aparelhos de som caiu quase 13% em junho, segundo levantamento da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros). O caso é emblemático. Como o desemprego subiu, a renda dos trabalhadores caiu. Os empréstimos concedidos por financeiras encolheram 2,96%. O setor de bens duráveis, movido a crédito, já acusou o golpe.

CRISE CAMBIAL

Dentro do governo, os técnicos estão debruçados sobre os números ruins e não encontram saída. Os juros vão continuar altos e não haverá injeção de dinheiro no mercado de crédito, via liberação de compulsórios bancários pelo Banco Central. Tal medida acabaria saindo pela culatra. Os bancos ganhariam mais um estímulo para correr atrás de dólares e agravar a crise cambial que ontem jo-

Joédison Alves 22.01.98



O DESEMPREGO EM ALTA É UM DOS INDICADORES DE QUE A ECONOMIA NÃO VAI BEM. PARA SAIR DA CRISE, DEVE-SE RECUPERAR CONFIANÇA DOS INVESTIDORES

gou o preço da moeda norte-americana para R\$ 3,30, um recorde histórico.

Em meio a esse cenário, o novo acordo do governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em negociação, pode ser o tiro de misericórdia no PIB. Espera-se que o FMI empreste US\$ 20 bilhões ao país. Em troca, vai pedir mais arrocho nas contas públicas. O superávit primário, como é chamado o controle de caixa em que o governo gasta

menos do que sua arrecadação, pode ser ampliado dos atuais 3,75% do PIB para 4% do PIB. Os mais pessimistas, como o economista Sérgio Werlang, diretor do Itaú, falam em superávit de 6% no ano que vem. É o mínimo necessário, segundo ele, para que o país possa recuperar a credibilidade e derrubar o risco-Brasil, que está em 2.406 pontos.

A economista-chefe da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Luciana de Sá, acredita

que, a continuar a atual crise, a economia brasileira vai derreter. “A recessão está batendo à porta do país. Sem a turbulência de agora, as vendas das indústrias caíram 5% no primeiro semestre. Agora, com a inflação em alta e as tarifas públicas comendo uma parte ainda maior dos salários, as vendas devem encolher mais”, prevê.

Empresário do setor de papelão — o primeiro indicador para se medir o comportamento da atividade econômica —, o vice-

presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Roberto Jeha, diz que a produção está 2,5% maior que no ano passado. Mas esse resultado não quer dizer muito. O ano de 2001 foi o pior período para a indústria de papelão dos últimos dez anos. Para Jeha, o que pode evitar a recessão no próximo ano é um pacto político entre o presidente eleito e o atual governo para uma transição tranquila. “O Brasil está no fio da navalha”, afirma.